

ressurreição

um, diz: Vós agora estais tristes; mas
ração se alegrará; e ninguém pode

Nosso mundo é um mundo de c
fim. Tudo passa, nôbre a terra. Par
n exemplo bem pessoal: um di
ra, da manhã, da tarde, da noite o
n morrer. Vou ter de morrer! E, p
da mais nada menos que o fim
l nem cores e tudo isso que foi,
ado. Como se nunca tivesse existi
lidades, minhas ações boas ou m
intigas — tudo isso será arquivado, e
essa encerrada. Alguns anúncios d
ra carregar o caixão. E então, um
murmuridade que foi a minha última
lugar que ocupei em alguns co
Quer, dizer: qualquer pessoa, impo



CEI SUPLEMENTO N.º 4

JULHO — 1973

Publicação de **Tempo e Presença**
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Domício Pereira de Mattos

REDATOR:
Carlos A. C. da Cunha

CORPO REDATORIAL:
Rubem A. Alves
Ana Vitória de Toledo Barros

Elter Maciel
Hugo Paiva
Jether Pereira Ramalho

DIAGRAMADOR:
Hamilton Francischetti

IMPRESSÃO:
Principes Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 25,00
Cheque pagável no Rio de
Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 3,00

ÍNDICE

EDITORIAL 1

Dia do Senhor 2

Dados Biográficos 3

SERMÕES

Ressurreição 5

Alegria 7

Verdade 9

Discípulo 11

O Senhor 13

Testemunhas 16

O Tempo 18

Pátria 19

A Misericórdia 22

O BRENO EM JUIZ DE
FORA 24

A PALAVRA DO PADRE
Jaime Snoeck 27

CAPA — Reproduzimos parte de um manuscrito do sermão (1.º de novembro, 70) com o grifo que o autor mesmo fez à expressão **ter de** (morrer). Fato curioso: dentre oitenta e poucos manuscritos semelhantes, este foi o primeiro que nos veio às mãos para ler. Está na página 7.

Ressurreição é o tema. Não estava em nossas preocupações para os próximos quatro números. Tínhamos **Evangelização** e outros. Porém a morte de nosso companheiro Breno e a necessidade urgente de fazer mais conhecido o testemunho de sua vida, levaram-nos a mudar o esquema.

Por outro lado o farto material que tivemos em mãos, o trabalho de seleção, a ida a Juiz de Fora por ocasião da "Semana de Oração pela Unidade" e o mundo de pequenas coisas que surgiram, levou-nos a este atraso no lançamento deste SUPLEMENTO-4.

Mas, por que o Breno? A resposta vocês vão ter lendo uns poucos sermões (seleção difícil entre mais de cito dezenas de peças simples, mas ricas e incarnacionais), dados biográficos, a palavra do Padre Jaime, uma semana após a morte, e observações de amigos e colaboradores. Há mesmo um sem-número de escritos e trabalhos, perdidos alguns definitivamente, que dariam livro ou livros sobre a obra, pensamento e vida desse semi-rapaz, semi-adulto, — meias dimensões físicas, — que, no entanto foi de uma grandeza que

ultrapassou sua Igreja Luterana, sua Paróquia juiz-forana e o movimento ecumênico.

As constantes de sua pregação eram Ressurreição, Esperança, Reino de Deus, Discipulado. Eu, no entanto, pequeno conhecedor de sua imensidão, arrisco dizer que Discipulado foi a essência dele mesmo.

Os retalhos, que, nesta fronteira de redator da Revista do CEI, recolhi para levar-lhes, a vocês, leitores, tiveram um objetivo mostrar-lhes o **DISCÍPULO** — escrevo com maiúsculas intencionalmente.

Por isso este número 4 é Breno de capa a capa. A sua vida é igual à de muitos, mas é singular porque andou espantosamente próxima de nós, próxima e impregnada em nós.

Num mundo tão vazio de discípulos do Cristo e tão cheio de ex-quase-discípulos é bom e gostoso repetir uma afirmativa do próprio Breno: "Podemos ser verdadeiros discípulos, hoje, agora."

Breno pôde. Foram 34 anos apenas, um a mais do que o Mestre. E foram 34 anos tão intensos, que a morte não interrompeu. Só por isso é que o nosso tema é **ressurreição**.

O DIA DO SENHOR

Breno, em sua permanente pressa, parou (3h30, maio, 72) no dia 11, na estrada de Bicas (quilômetro 71, Passo da Pátria). Ia de Juiz de Fora para Mar de Espanha realizar seu ministério.

Era o Dia do Senhor.

Colidiu violentamente, numa curva, com um carro que vinha em sentido contrário.

No local morreram Breno, Mariane e Jair, jovem da Igreja Luterana. A noiva deste último, socorrida em estado grave, foi para Juiz de Fora, juntamente com os quatro ocupantes do outro carro, que vinha de Guarapari.

Os mortos foram levados para a Central de Polícia da mesma cidade, para onde afluiu multidão tal que parecia terem morrido mil (testemunho de uma jovem da Igreja).

Breno partira "alegre levando a Boa Nova a outra comunidade" e voltou, à noite, "carregado, para o último adeus à Igreja que amava." (Palavras do Padre Jaime).

Na madrugada do dia seguinte (12, março) foi trazido para o Rio e daqui para Porto Alegre, onde, à tarde, foi sepultado.



BRENNO ARNO SCHUMANN

Natural do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, outubro, 1939).

Casado (há 6 anos) com Mariane (de 29 anos).

Foi pastor no Rio durante os anos de 64 a 66 e em Juiz de Fora de 70 a 72.

Curso superior de Teologia em São Leopoldo, na Faculdade da Igreja Luterana.

Cursos de especialização (pós-graduação) em Bossey (Genebra) no Conselho Mundial de Igrejas e em Goetingen, Alemanha.

Colaborou com a Enciclopédia Delta Larousse. Também com a Editora Vozes. Tradutor de várias obras para o nosso idioma. Poliglota de raro valor.

Fundador, com outros do nosso Boletim CEI, do qual foi

sempre um dos melhores colaboradores. Seu último trabalho foi "Um Credo para a nossa Época: Existe isso?" (Suplemento CEI-1). Pertenceu ao Corpo Redatorial de nossa Revista.

Foi o primeiro secretário executivo do Centro Ecumênico do Rio de Janeiro (CERJ), nos anos em que esteve licenciado.

Professor de História das Religiões na Universidade Federal de Juiz de Fora, e de Moral e Cívica no Colégio Magister (mesma cidade) do qual foi um dos fundadores. A bênção do prédio novo desse colégio, por ele realizada, de grande sentido bíblico, era por todos elogiosamente comentada. Tinha sido — segundo suas palavras — o professor Breno até então; este ano iria ter sua própria sala e na porta "Pastor Breno". Era seu imenso desejo.

Terminou a construção do simples e belo templo da Rua D. Pedro II.

Intelligentíssimo.

Muito generoso e amigo.

Tão franco que às vezes rude.

Embora ainda jovem, a sua personalidade marcou profundamente a todas as pessoas que conheceu.

Internacionalmente conhecido, a sua morte repercutiu nos vários lugares por onde passou.

MARIANE SCHÜMANN

Nascida (agosto, 1943) Mariane Ziegler (Johannes e Celida Ziegler) em Gramado, Rio Grande do Sul.

Casou-se com Breno em 1966 na cidade de Hamburgo Velho.

Formou-se professora pela Fundação Evangélica de Novo Hamburgo.

Sua mãe, dois irmãos (um e uma), tios e sobrinhos vivem para chorá-la.

De uma simplicidade cativante, agudeza de espírito; acostumada a raciocinar com o esposo, impressionava-nos com sua participação discreta mas consciente, seja nos momentos de sociabilidade, seja nos debates em que intervinha não raro com uma clareza que espantava.

De modo especial, agradava-nos ver seu sorriso claro, entre espantado e feliz, quando o Breno fazia alguma intervenção jocosa, mas pertinente, nalguma discussão séria sobre qualquer tema.

Deixava-nos sempre uma interrogação sobre a profundidade de suas reflexões e a extensão de sua cultura. Porém o seu espírito alerta sempre nos surpreendia e jamais nos decepcionava. E aos observadores atentos sabia sempre deixar a impressão de que estava tão elevada quanto o seu esposo, seguindo-o como o facho de um cometa nos movimentos mais rápidos e inesperados.

Aprendemos a vê-los quase sempre juntos na dimensão horizontal e vertical da vida. E na curva perigosa da Estrada de Bicas, suas últimas palavras "Cuidado, Breno!" anteciparam o aparente absurdo.

sermões

RESSURREIÇÃO

Lembra-te de Jesus Cristo;
ressuscitado de entre os mortos.

(2 Timóteo 2.8)

A fé dos cristãos consiste unicamente na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. E na ressurreição de Cristo já teve início nossa própria ressurreição, já foi antecipada, anunciada, garantida. Tudo o que os cristãos antes de nós viveram, experimentaram, creram, amaram e sofreram jorrou dessa única fonte: a ressurreição de Cristo. Toda a vida cristã — e isso significa: toda a ação cristã — é falsa desse um fogo, é reflexo que parte desse um centro: a ressurreição de Cristo. E a vida só é mesmo vida na medida em que crermos na ressurreição. Acreditar, pode-se acreditar em muitas coisas. Coisas que até podem ser bonitas e interessantes. Mas ninguém consegue viver apenas com crenças fascinantes e empolgantes. Nem é preciso ter grande experiência na vida para saber disso. O fato é que, se não crermos a ressurreição, nossa vida será apenas uma existência aparente. A vida sem ressurreição é um nada. É provavelmente essa sensação de vazio que faz com que todos procurem um princípio, uma base, um ponto de apoio que permita o

surgimento de uma nova esperança. O que todos procuram, hoje em dia, é uma esperança que não seja ilusória, que não se torne mais um equívoco, mais um engano. O que todos procuram é uma esperança legítima, que permita atitudes realistas. A pergunta que resta e que sempre de novo retorna é apenas uma: Será que a humanidade tem o direito de alimentar a esperança de um futuro pacífico e satisfatório, depois de tudo o que fez até agora? Por outro lado, uma fé na ressurreição que não inspirasse tal esperança, seria uma fé triada, inútil. Como é que se sai de tal dilema? Talvez só haja uma saída. E essa é: enfrentar de rijo a outra questão, a questão espinhosa e insistente, da qual inutilmente procuramos escapar: Qual é o significado da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos? Qual o sentido desse fato esquisito da ressurreição?

Para início de conversa: a verdade e autenticidade da ressurreição não dependem da possibilidade de imaginarmos um acontecimento fora do comum. E ainda por cima acreditarmos nele.

A ressurreição não é apenas essa maravilha que possibilitará aos piedosos, carolas e espíritos superiores festejarem uma espécie de festa de ex-alunos no

além. Se a ressurreição fosse apenas isso, seria, no máximo, uma piada agradável, de bom gosto. Uma anedota de salão. Mas não. A legitimidade da ressurreição revela-se nos efeitos que desencadeia neste mundo e em nossa vida. Vamos por partes.

A ressurreição de Cristo é a Glória de Deus para nós. É bem verdade que a glória de Deus nos faz falta. Nós não a vemos. Não a merecemos, de jeito nenhum. Não a conseguimos alcançar, procurar ou encontrar. Todo mundo sabe que nossa vida é tudo, menos gloriosa. Nossa vida é difícil, é fraca, é feia. Mas para nós que não passamos bem e que não somos bons, para nós está destinada a glória de Deus. A glória de Deus nos está destinada, preparada, oferecida e até dada, porque Cristo ressurgiu dentre os mortos. Esta nossa pobre vida, vida sofrida e pecaminosa já está envolta pela glória de Deus. E essa glória envolve inclusive os campos de batalha que se encontram em pleno funcionamento. Ela envolve até a nossa crise — e as prisões, e os hospitais, e os asilos. E todo o resto.

Mas a ressurreição de Cristo, a glória de Deus par nós ainda é mais. A ressurreição é a resposta às nossas perguntas. Perguntas como estas: Onde está Deus neste nosso mundo de enigmas, onde encontramos de tudo — menos Deus? Onde está Deus, em meio a todos os poderes e poderosos? Onde está Deus em minha curta vida, que me oferece tão pouco e que passa tão ligeiro? Onde está Deus, em meio a todos os horrores que acontecem dia após dia? A rigor, nós nem teríamos o direito de fazer tais perguntas. Porque não é Deus quem desapareceu. Nós é que não contamos com ele. Mas Deus não despreza nossas perguntas. Deus não recusa audiência. Deus não tem medo

de entrevistas coletivas. A ressurreição é ainda mais do que a vitória sobre a morte física. A ressurreição implica numa aceitação de quem não merece mais nem ser olhado. A ressurreição reanima todos os confusos e atarantados e culpados a recomeçarem tudo de novo. E quem é que não gostaria de recomeçar da estaca zero, depois de uma falência? Pois então, vejamos. Quem é que foi condenado, crucificado, morto e sepultado, na sexta-feira santa? Não só Jesus, mas com ele e em sua pessoa, todos nós. Nós fomos aniquilados naquela cruz. E por isso, na páscoa, com Cristo, em sua pessoa, ressuscitamos todos nós. Depois de tudo arrasado, começou tudo de novo para nós.

Tudo. Mas tudo, de maneira inteiramente nova. Considere-se a diferença: tem muita gente por aí, querendo fazer tudo diferente, tudo melhor, tudo bem novinho. O mal deles é que procuram renegar e tapar os males do passado. E quem começa a arrumação com mentiras não vai fazer coisa melhor não. A força da esperança que se fundamenta na ressurreição, reside na verdade. Na verdade a nosso respeito — cu seja: um verdadeiro retrato sem retoque — e na verdade a respeito de Deus. Do Deus que faz tudo novo, aproveitando o material como ele é. Esse material que somos nós.

Mas que é que Deus exige desse material ressuscitado, renovado, ao qual ele concede a sua glória? Bem, só existe uma coisa que realmente compromete pessoas. Que faz qualquer pessoa engajar-se, dedicar-se, entregar-se de corpo e alma. É essa coisa que consegue mais do que leis, decretos, ameaças e brutalidades, chama-se gratidão. Deus quer que esqueçamos o medo, as preocupações e a fome pelo poder e pelo renome — porque tudo isso já foi cru-

cificado, morto e sepultado. E Deus quer que aceitemos a alegria e a paz que nos foram apresentadas, por ocasião daquela ressurreição. Ele quer, em si, uma coisa muito evidente, clara, sem segundas intenções: que passemos a trilhar o seu caminho, porque todos os outros são becos sem saída.

A pequena frase da carta a Timóteo dizia: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos." Lembra-te! Mantém na lembrança, no caderninho de notas, pensa nisso, não esqueças. Existem muitas coisas que podemos e até devemos esquecer, nesta vida. Não é preciso recordar tudo. Um dia virá o momento em que esqueceremos tudo. Mas tratemos de não esquecer duas palavras: Ele ressuscitou!

Todos os erros, e equívocos, e maldades, e parcialidades, e medos, e agitações com que nos torturamos e com os quais amarguramos a vida dos outros têm ligação com o fato de não lembrarmos que ele ressuscitou.

E tu dirás: Mas tudo isso é demais, é difícil demais. Eu não consigo crer nisso. É preciso levar em conta que a fé não se produz nem se comanda. Mas a fé que fundamenta a única esperança válida e honesta neste mundo, é algo que se pode pedir. É preciso considerar que um dia teremos de morrer. Porém, mais do que isso, nós já podemos viver! Nós e todo o mundo. Por isso a humanidade tem o direito de alimentar uma esperança. Deus lhe deu esse direito. Na Páscoa.

ALEGRIA

Juiz de Fora — 1.º de novembro,
1970 João 16.22

Jesus diz: Vós agora estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará; e ninguém poderá tirar a vossa alegria.

Nosso mundo é um mundo de coisas que, um dia, chegarão ao fim. Tudo passa sobre a terra. Para compreender isso, tomemos um exemplo bem pessoal: um dia chegará, chegará uma hora, da manhã, da tarde, da noite ou da madrugada, em que eu vou morrer. Vou **ter** de morrer! E, para mim, isso vai significar, nada mais nada menos que o

fim do mundo. Não haverá mais sol nem cores e tudo isso que foi, para mim, a vida, terá acabado. Como se nunca tivesse existido. Minhas chances e possibilidades, minhas ações boas ou más, minhas alegrias e minhas tristezas — tudo isso será arquivado, engavetado, posto de lado como coisa encerrada. Alguns anúncios de falecimento, alguns colegas para carregar o caixão. E, então, um outro pastor vai assumir a comunidade que foi a minha última. Outras pessoas ocuparão o lugar que ocupei em alguns corações. E só. Nada mais.

Quer dizer: qualquer pessoa, importante ou desconhecida, ri-

ca ou pobre, feliz ou infeliz, sadia ou doente, boa ou má, está limitada pelo seu tempo, seu lugar, sua energia, e suas oportunidades. Está limitada. Isto é: existe para nós uma fronteira intransponível. Na Patagônia ninguém me conhece. Ninguém sabe ou quer saber, se estou vivo ou morto. Aliás, mesmo com pessoas muito importantes, acontece a mesma coisa. Claro, de vez em quando acontece a comemoração de um centenário. Durante alguns dias, pode-se ler alguma coisa nos jornais. Duas semanas depois, todo mundo já esqueceu o assunto. Ninguém pode dar a eternidade a ninguém, nem a si próprio.

E assim é com tudo: nossos interesses e nossas relações, felizmente os equívocos e mal-entendidos e o peso que carregamos na vida, tudo isso vai alcançar um ponto em que se transformará numa coisa sem importância. Aquilo que desejamos ardentemente será posto de lado. O que construímos, ficará velho e será demolido. Nossas realizações serão substituídas pelas realizações de outros. Felizmente! Porque também o sofrimento, qualquer sofrimento, um dia vai terminar.

Como seria bom, se nos lembrássemos disso, de vez em quando! O problema é que quase nunca nos lembramos de que todos os problemas também têm o seu fim! As coisas sempre nos parecem permanentes, irreversíveis, intermináveis; nossa felicidade e nossa dor, nossos êxitos e nossos fracassos. Nossas propriedades e nossas perdas. Nossas boas intenções (essas nunca acabam, não é?) e — degraçadamente — nossas paixões. Nós vivemos como se fôssemos ficar para sempre. Achamos que a pessoa amada vai existir para sempre. E — o que é um mal — achamos que o inimigo vai viver sempre... No entanto, meus irmãos, o maior

inimigo do homem, qual é? São as coisas permanentes, imutáveis, irreversíveis. Quando alguma coisa se torna perpétua, ela passa a possuir-nos. Somos prisioneiros dessa coisa, em vez de ser gente livre. No entanto nada é perpétuo, nada é irreversível, nada é permanente ou imutável. Se nós nos lembrássemos disso, de vez em quando, é claro que continuaríamos a rir e chorar, a ficar com raiva e amar; a vida seria uma coisa séria, é verdade, mas coisa séria com humor.

A gente pode olhar coisas sérias com humor? Quando vamos ao cemitério, que é que tem de humor nisso? Não é assim que, quando vamos ao cemitério, nos assalta um sentimento tanto quanto doloroso da transitoriedade de todas as coisas? Diante de um túmulo não nos ocorre que tudo e todos são passageiros? A lembrança que temos de uma pessoa que morreu, não é sempre pálida — e cada vez mais pálida — à medida que passa o tempo? Isso é triste. Onde fica o humor?

Se folhearmos nossa Bíblia, vamos encontrar uma série de passagens que falam disso. **Davi** confessa numa oração: Sou forasteiro à tua presença, Senhor, peregrino como todos os meus pais o foram. E **Jó** se lamenta: O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra, e não permanece. Seus dias estão contados. Tu, Senhor, puseste limites ao homem, além dos quais não passará. **Tiago** escreve em sua epístola: Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa.

Onde está o humor? Humor tem algo a ver com alegria e esperança. E a alegria e a esperança só podem existir, em nossa vida, quando pensamos

claramente no fim. Não adianta disfarçar ou mascarar. Igreja não é lugar de disfarces ou máscaras. Pensemos no **fim** de tudo. É ali que está o começo da alegria e da esperança.

As palavras de Jesus foram ditas no fim de uma convivência, de uma amizade, de um caminho. São palavras de despedida. Vós agora estais tristes! Quer dizer: Jesus conhece e compreende nossa tristeza! Por quê? Porque sua vida, sua ação consistiram e consistem em vencer nossa miséria e conduzir-nos à liberdade! Toda a vida

de Jesus foi uma dramática luta contra os poderes que querem destruir-nos. Foi uma luta contra a morte! O ponto alto dessa luta é a cruz — começo de uma nova vida, começo de novo mundo. Por isso Jesus diz: Agora estais tristes, mas vosso coração vai alegrar-se.

Eu vos verei de novo (o problema de rever os entes queridos).

Temos a promessa, não a descricção. “Serás transformado naquilo que amas”!

Ninguém poderá tirar a nossa alegria!

VERDADE

**Juiz de Fora — 28-3-71 —
JUDICA Êxodo 32.15-20 e 30-34**

É provável que a vida não esteja fácil, para a maioria de nós. Talvez até esteja se tornando de dia a dia mais difícil!

Mas **ninguém** de nós ainda experimentou o sabor da escravidão.

O povo de Israel, escravizado e oprimido pelos egípcios, sabia muito bem o que isso significava.

É por isso que a história da salvação, dessa salvação que temos em Cristo, e só em Cristo, começou há milhares de anos, com a libertação do povo de Israel. Através de sua ação poderosa, Deus conduz seu povo para fora da terra da servidão. E Deus promete que terão sua terra, terra, onde viverão em liberdade. Mais ainda: Deus revela a esse povo sua vontade,

através de seus mandamentos. Os mandamentos não são leis. Pelo contrário: os mandamentos nos mostram o terreno, o espaço, o horizonte em que podemos viver como gente, como pessoas humanas.

No entanto, no momento em que Moisés, o guia e líder do povo, recebe de Deus o documento da aliança com o povo, o documento da vontade de Deus para com esse povo — nesse instante acontece uma coisa estranha. Uma coisa estranha que nós — todos nós — conhecemos muito bem, de experiência própria.

* * *

O povo de Israel sente-se grato pelo auxílio de Deus. A religiosidade do povo é até intensa, forte, animada. Uma prova disso é o sacrifício de que todos

são, capazes: eles juntam todos os seus recursos, todo o ouro que possuem. E fazem um bezerro de ouro.

Meus irmãos:

O bezerro de ouro **não** era **apenas** uma imagem. **Não** era **apenas** um ídolo. Se fosse só isso, a coisa seria bem mais simples: acesso, ataque de paganismo e idolatria. Pronto. E muitos entre nós poderiam dizer: nada tenho a ver com isso! Eu **não** adoro ídolos...

Acontece que o bezerro de ouro pretendia ser uma representação do próprio Deus, único e verdadeiro! Toda a orgia desenfreada que se desenrolou em volta do bezerro tinha a intenção de ser uma festa em homenagem ao Senhor!

É nesse ponto que todos nós escorregamos para dentro da história. É nesse ponto que o bezerro de ouro se torna um acontecimento em nossas vidas também.

Por quê?

Porque todos nós também nos fazemos uma imagem de Deus, mesmo que seja só em pensamentos, só na imaginação, só na **mentalidade**.

As imagens: "Papai do céu."

"Em Deus confiamos." (Banco e dólar).

"Graças a Deus!"

E por que Deus proíbe que se faça a sua imagem?

1) Porque não se pode reduzir ou reproduzir sua glória.

2) Porque a imagem de Deus faz mal ao homem.

Quando a mulher diz ao marido: — Eu não imaginava que você fosse assim — pensei que você fosse diferente...

É a crise, é a comunhão matrimonial ameaçada. Entre duas pessoas que se pertencem uma à outra, interfere a imagem que uma faz da outra. E essa imagem, que pretende ser a reprodução do outro, mas que acaba sendo só a **falsificação** do outro (porque idealiza ou torna pior!),

essa imagem destrói a união. A imagem torna-se opinião preconcebida! No caso do matrimônio, a comunhão do casal só poderia ser restabelecida, se um escutasse o outro.

É exatamente esse o problema da imagem de Deus. Nós inventamos um Deus de acordo com **nosso** figurino. E na primeira crise fica claro que nossa imaginação religiosa só tinha feito um bezerro de ouro...

Deus não quer uma imagem, para que aprendamos a ouvir sua palavra. E tanto isso é fundamental, que muita gente ouve sermões uma vida inteira — e tem uma opinião completamente falsa a respeito de Deus. A imagem que inventaram para si mesmos tornou-os incapazes de ouvir a palavra — e conhecer o único Deus verdadeiro!

* * *

Mas cuidado! Ninguém imagine que está isento desse perigo! E mesmo que alguém estivesse completamente livre da falsa imagem — resta saber qual é a atitude que tomamos em relação aos que ainda estão enganados, equivocados, confusos ou iludidos a respeito de Deus.

* * *

Moisés tem a liberdade e a coragem de dizer muito claramente a seu povo o nome que se dá a tudo aquilo que aconteceu. Agora, Moisés não se distancia do seu povo. Moisés não se afasta com superioridade e orgulho. Moisés faz algo bem diferente: ele **intercede** por seu povo, na presença de Deus — ele se solidariza com os irmãos — sim, e se o castigo for a morte, Moisés prefere morrer com o seu povo, do que continuar vivo, mas sozinho...

Deus ouve a intercessão. Deus ouve e atende à oração em favor do povo. Só o sacrifício de Moi-

sés não é aceito. Porque nenhum homem pode assumir a culpa de outro — e ninguém pode morrer no lugar de outro. Culpa, castigo e morte ficam transferidos por Deus. Apesar de tudo, Deus mantém sua promessa: o povo terá a terra prometida. E Moisés o guiará.

* * *

Mas o dia do castigo chegou. Um dia chegou a hora de punir

o pecado com a morte. O que nenhum homem podia assumir sozinho, o que ninguém podia fazer pelos outros — Deus **mesmo** assumiu, no lugar de todos. A Cruz de Cristo é essa última prova de solidariedade total e de intercessão total. E é por isso que a cruz de Cristo é a única imagem de Deus verdadeiro. Essa imagem pode e deve substituir todas as outras, em nossos pensamentos e corações.

Amém.

DISCÍPULOS

18-7-71

Mateus 10.7-15

Através daquilo que Jesus realiza — e através daquilo que seus discípulos realizam — acontece o Reino de Deus.

Quer dizer: os discípulos de ontem e de hoje nada mais fazem do que participar do trabalho do próprio Jesus. Os discípulos de ontem e de hoje repetem, imitam, refletem todos aqueles gestos do Senhor — que edificam e concretizam o Reino de Deus neste nosso mundo. Assim como Jesus **não** se limitava a transferir para o futuro (ou para o céu!) a verdadeira solução de problemas concretos da vida humana — também seus discípulos **não** podem se atrever a só consolar e iludir as pessoas — com vagas promessas de que, no além, tudo vai melhorar. **Não!** (Aliás, essa é a atitude mais fácil...)

Presença de Jesus é a presença do Reino de Deus. E a atividade dos cristãos, no mundo, é uma atividade típica do Reino de Deus. E é por isso — só por isso! — que o mundo **não pode** continuar a ser o vale de lágrimas, o mar de sangue, o poço de injustiças que é! E o mundo certamente não continuará a ser só isso. A presença do Reino de Deus no mundo se traduz, se expressa através de uma série de acontecimentos bem palpáveis e visíveis: os enfermos são curados, mortos são ressuscitados, uma boa e nova mensagem é levada aos pobres. É como se os discípulos tomassem o pincel e fossem colorindo os palavrões escritos num muro, num mictório público. É como se tomassem a borracha para apagar todas as crueldades e mentiras escritas numa carta maldosa.

No entanto, a borracha nem sempre apaga tudo. Com o que chegamos ao problema central dessas palavras de Jesus: Onde estão sendo curados os doentes — hoje? É verdade que os pobres estão ouvindo uma novidade agradável — ou só resta a demagogia do Pró-terra? E quando é que acontecem, afinal, as ressurreições de mortos — hoje? Onde acontecem?

São perguntas incômodas. Porque, de fato, o Evangelho não faz e não admite divisões e diferenciações entre prédica, diaconia, evangelização e missão. É tudo uma coisa só, no fundo: dar testemunho e — curar um leproso. Assim como a salvação é trazida ao mundo inteiro — o que o mundo tem a receber é a salvação toda! **Não existe, nunca** existiu uma separação entre corpo e alma, uma distinção entre sagrado e profano, uma diferença absoluta entre material e espiritual. Isso só existe para pagãos. Para cristãos. Evangelho quer dizer: salvação inteira para o homem todo.

Assim sendo, as palavras de Jesus **não** resolvem necessariamente nossos problemas. Podem até torná-los mais urgentes, mais agudos.

Onde e quando acontecem os sinais da presença do Reino de Deus? Dizer que tudo isso não acontece mais porque a fé se tornou morna — ou porque a Igreja ficou gelada — ou porque a confiança morreu — é a resposta **mais fácil e mais mentirosa**. Os que falam assim também não conseguem ressuscitar os mortos — mas aproveitam para baixar o cacete em cima de todos os outros (descontados os amigos do peito, claro!).

E por que isso é mentira? Porque não poucas pessoas dedicaram uma vida inteira para que tivéssemos os atuais progressos na medicina e na farmacologia, as bênçãos da téc-

nica, as facilidades dos meios de comunicação. Quem não consegue acreditar que Deus seja capaz de realizar milagres através de um médico, de um cientista, de um técnico, de uma mãe — também não acredita em Deus. Essa é que é a verdade!

Mas ainda há outra observação mais importante a fazer: Os discípulos são enviados para todos aqueles lugares críticos — onde seres humanos são enganados — onde as situações parecem sem saída — onde não há mais esperanças. Em outras palavras: os discípulos de ontem e de hoje são enviados, por Jesus, para realizar aquilo que não podem — aquilo que é grande e difícil demais.

Para quê? Para ficarem desanimados? Para ficarem “na fossa”? Não! Jesus não é um boçalão. O que os discípulos de ontem e de hoje precisavam aprender é que o Senhor — só o Senhor! — nos dá — nos dá! — a capacidade de realizar — o impossível. Ali, onde o homem — onde o mundo está mais ameaçado do que nunca — é nosso lugar! Toda vez que nós dizemos: “Oh! isso foi sempre assim — não muda mesmo!” — nesse momento estamos confessando que as piores porcarias são — todo-poderosas e eternas. Bom, e essa confissão de fé — também é uma porcaria!

* * *

Jesus nos convida a uma coisa diferente: a **não** aceitarmos as circunstâncias, as situações, assim como se apresentam. Jesus nos convida a lutar por todas as modificações necessárias. Por isso, a verdadeira oração, o verdadeiro testemunho, a verdadeira esperança só podem existir exatamente no lugar do sofrimento, da desgraça, da maldade e da infelicidade.

Tudo isso exige mobilidade. Por isso o discípulo vai de um

lugar a outro. Por isso o discípulo não se preocupa demais com a quantidade de curo, roupas e calçados, que possui. A preocupação do discípulo é bem outra: **como** dar dinheiro, roupa e calçado a quem não os tem?

Mobilidade, por outro lado, quer dizer: liberdade. Discípulo é aquele que se tornou capaz de tomar distância de si mesmo. E verificar que é que ainda o prende, o compromete. Claro, seria muito mais fácil proibir isso e aquilo. E bom número de gente que se diz cristã e evangélica, fica proibindo isso e aquilo. Serão realmente **livres**, esses apóstolos e discípulos das proibições? Terão, realmente, paz?

* * *

Com isso chegamos às conhecidas sacudidas do pó das sandálias (vv. 14 e 15).

Honestamente, não posso informar a ninguém quando será a hora de sacudir o pó dos pés. Porque aquele que não aceitar hoje a palavra de Jesus, talvez a ouça e aceite daqui a vinte anos! Quem poderá saber isso, de antemão?

Mais ainda: quem de nós pode ter certeza absoluta de que já ouviu, já aceitou e já está vivendo o Evangelho?

Sejamos modestos: deixemos Sodoma e Gomorra para o juízo — que pertence a Deus.

Deixemos de lado a fácil tarefa da condenação. E fiquemos com a tarefa menos fácil — mas muito mais bela! — de dar de graça aquilo que Jesus nos deu de graça.

Amém.

O SENHOR

5-3-1972

Apoc. 5, 5-13

O assunto, agora, desapareceu das primeiras páginas dos jornais. Mas só agora começarão a aparecer, pouco a pouco, os resultados, as consequências concretas. Refiro-me ao reatamento Estados Unidos da América e China. Até mesmo pessoas pouco habituadas a acompanhar e compreender os acontecimentos internacionais perceberam que aconteceu algo de novo, após vinte e três anos de ofensas e ameaças. Não é aqui o lugar

nem o momento para examinar esse tipo de problemas. Menciono o assunto, por dois motivos: 1.º) Essa sensação que todos mais ou menos têm, de que os grandes e poderosos deste nosso mundo mais uma vez entraram em acordo, fizeram as pazes e se preparam para repartir o bolo. 2.º) Diante desses acontecimentos, a gente mais uma vez se pergunta: A quem pertence o mundo?

Nós não somos os primeiros a fazer essa pergunta. Desde a primeira até a última página da

Bíblia, essa pergunta se repete. E recebe várias respostas que continuam a ser, até hoje, nossa profissão de fé. Quer dizer: a pergunta não nasceu do encontro Nixon e Mao. Todas as vezes que os homens começam a observar o que vai pelo mundo, a pergunta volta. Toda vez que alguém começa a ler sua Bíblia, a pergunta retorna. A quem pertence o mundo? Nós hoje vamos ouvir a resposta que nos dá o Apocalipse.

O Apocalipse não é um livro fácil. Em parte, até assusta. No caso de nossa pergunta, a resposta é até bastante desafiadora.

O autor do Apocalipse nos descreve uma visão estranha. No primeiro momento parece que ele está vendo o céu, falando do céu, descrevendo o lugar onde está Deus — como se fosse a majestosa sala do trono de um rei. Logo depois, notamos que o ambiente deve ser muito amplo, até sem limites, pois ressoam as vozes de milhões e milhões de seres viventes. E por fim se ouve o louvor de todas as criaturas da terra e dos céus, e de debaixo da terra e do mar. Quer dizer: a visão coloca diante de nós todo o universo. É uma visão global, total. Não estamos vendo só um lugar, mas todos os lugares. Não estamos mais diante de uma criatura, ou várias, ou muitas, mas de todas as criaturas. É como no começo da Bíblia: céus e terra e tudo o que neles há, toda a imensa e completa criação de Deus.

E então se levanta e pergunta: Qual é o destino de tudo isso, de todo o universo? Para onde vão esses milhões e bilhões de criaturas? A quem pertence este mundo, este universo?

E a resposta é: Este mundo, o destino do universo, pertencem ao Cordeiro de Deus, aquele que é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. Di-

zendo de modo mais resumido: este mundo e o universo com todas as criaturas pertencem a Jesus Cristo.

Neste ponto, alguém pode estar pensando: "Bom, podemos dormir adiante. Não é novidade que Jesus Cristo é o Senhor do mundo. Isso já sempre foi dito na Igreja..."

Certo, mas acontece que nosso texto não está falando da Igreja, cu na Igreja. Nosso texto do Apocalipse fala em todas as criaturas. Assim como a Bíblia também não começa com a história do povo de Deus — e sim, com a história da humanidade.

Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, não é monopólio da Igreja. Pelo contrário, o título de Cordeiro, dado a Jesus, tem dois sentidos bastante tremendos:

1.º Os sete chifres e sete olhos representam força, poder, domínio, soberania, riqueza, honra — palavras muito usadas, hoje em dia, quando se fala em economia e política. E naquele tempo (do Apocalipse) também. Quer dizer: os títulos e as honrarias concedidas a César, aos poderosos daquele tempo — são transferidos para o Cristo.

2.º O Cordeiro é o animal morto sem oferecer resistência. O Cordeiro é o animal do sacrifício. O Cordeiro lembra sangue derramado. Quer dizer: o poder e a glória, a força e a honra não foram transferidos de mão beijada. Tudo isso custou alguma coisa. Custou sangue.

Quando pensamos na história da humanidade, desde a antiguidade até nossos dias, notamos muito bem que é uma história escrita com sangue. E a Bíblia nos mostra que toda essa história banhada de sangue de mártires, inocentes e canalhas também esconde, também inclui, também conhece uma outra história: a história da salvação. Os homens vão matando e morrendo — e Deus vai escrevendo sua história. De vez em quando nós

não conseguimos mais entender nada. Mas Deus entende! No meio de toda a confusão, Deus entra no jogo, aceita o jogo — e também corre sangue: o sangue do Cordeiro. Deus mostra que, apesar de sua humanidade ser o que é, essa humanidade é, acima de tudo, a humanidade amada por Ele, criada por Ele, protegida por Ele, redimida por Ele.

Por isso é que o cristão segura o jornal com uma mão e a Bíblia com a outra. Porque a história de Deus e a história dos homens não são duas coisas separadas e diferentes. Pelo contrário — completamente interligadas, combinadas, misturadas. Assim também nosso louvor aqui na terra não é uma coisa diferente do louvor que os céus cantam ao Cordeiro. Pelo contrário — com nossos hinos e nossa liturgia estamos em comunhão com o louvor e a glória que cantam todas as criaturas, nos céus, na terra, debaixo da terra e nos mares. Assim também nossa Ceia neste domingo não é completamente diferente do banquete celestial, no Reino de Deus. Pelo contrário — quem não pode aceitar agora, com alegria, a dádiva do Cristo, não será convidado para a grande festa.

Com isso chegamos ao centro da mensagem do Apocalipse. Quem só sabe respeitar os grandes e poderosos do momento, quem só pode aplaudir os que estão na crista da onda, quem só teme as armas e a força bruta — ainda não sabe o que significa a confissão de fé: Jesus Cristo é o Senhor. Quem só vê e respeita as coisas imediatas, aquilo que está na cara e, por isso, mete medo — ainda não conhece o primeiro mandamento no seu sentido mais profundo: Temor e amar a Deus e confiar nele sobre todas as coisas.

O tremendo, o desafiador na mensagem do Apocalipse é que não há meio-termo, não há acordo, não há compromissos. Este nosso mundo, apesar das aparências, não é o belo que os grandes e poderosos repartem entre si. Este nosso mundo pertence àquele um que comprou o mundo para Deus, com seu sangue. Por isso é que nós pertencemos só a Jesus Cristo. Porque ninguém ainda pagou preço mais alto. Resta saber se nós vamos aceitar outra oferta. Mas isso é a decisão de cada um. Cada um deve saber a quem vai dar glória e louvor.

Amém.

Para falarmos aqui e agora de Breno e Mariane, não podemos omitir a perspectiva escatológica acentuada pela sua morte violenta e prematura: Eles são um apelo para que vivamos as suas “perigosas memórias”, isto é, a dialética da Cruz e da Ressurreição, que tão profundamente norteou suas vidas.

(ALVARO/LU — alunos de Breno)

TESTEMUNHAS

26-3-72

Hebreus 11.35b-40

O capítulo 11 de Hebreus, cujo final acabamos de ouvir trata especialmente de um assunto: a fé.

Mas logo de saída a gente tem uma surpresa: a carta aos Hebreus não apresenta uma longa doutrinação sobre o que seja a fé. Não se descobre nenhuma teoria sobre a fé. Pelo contrário: o capítulo 11 de Hebreus fala sobre a vida de muitas pessoas bem diferentes entre si. Mais ainda: a vida dessas pessoas é considerada como testemunho. Quer dizer: são vidas que falam através de atos — e que continuam falando a nós, hoje. Assim sendo, não sou eu que estou construindo uma mensagem. Minha tarefa consiste, apenas, em a mensagem que se reflete na vida daquelas testemunhas.

E quem foram essas pessoas. essas testemunhas? Entre outras, temos a figura de Abel, aquele que foi morto pelo irmão. Abel continua falando mesmo depois de morto. O sangue de Abel, o sangue de todos os inocentes continua clamando a Deus. E Deus ouve. Os assassinos de pessoas inocentes também ouvem. Por isso é que se tornam pessoas inquietas, medrosas e fugitivas. A carta menciona Abraão, Isaque e Jacó, homens que ouviram o chamado de Deus e obedeceram, homens que ouviram a promessa de Deus e confiaram. Toda a vida deles foi uma peregrinação, uma caminhada por terras estranhas. Só puderam ver e sondar a promessa de longe. Gastaram uma vida procurando a pátria. E continuaram confiando. Até hoje

eles são o símbolo de quem precisa partir sem saber aonde vai e o que acontecerá depois. E a carta descreve a vida de Moisés, o homem que rejeitou os prazeres e riquezas da família real do Egito, preferindo ser maltratado junto com seu povo, o povo de Deus. E por isso ele se tornou o libertador de seu povo — e pôde conduzi-lo para fora da terra da escravidão, rumo à terra prometida. Para grande susto e espanto dos moralistas, essa relação de pessoas inclui também uma prostituta, Raabe. Essa mulher salvou a vida de homens do povo de Deus, escondendo-os em sua casa e enganando os perseguidores: “Sim, recebi fregueses, mas eles já foram embora”.

E a carta aos Hebreus diz que isso é fé. Essas pessoas e tantas outras agiram dessa ou daquela maneira porque confiaram em Deus. Nós não ficamos sabendo se todos podiam explicar tudo o que faz parte da doutrina, não se afirma também que foram heróis da piedade e da vida santa, a única coisa que se repete é isso: essa gente fez o que fez pela fé, porque creram, porque confiaram. E justamente porque confiaram, continuam falando a nós, hoje. Estão mortos há milênios, mas sua voz continuará a ser ouvida, mesmo depois que outras vozes que hoje enchem o mundo com sua gritaria, tiverem silenciado para sempre.

E por uma segunda razão continuam falando hoje: essas pessoas tão diferentes tiveram sucessores, seguidores, imitadores de sua fé, até hoje. Quando nós cremos, quando nós confiamos em Deus, estamos rodeados de

uma nuvem de testemunhas. E de novo não se trata de gente especial, excepcional, heróica. De novo a carta aos Hebreus fala da vida como ela é — e da morte como também pode ser.

As testemunhas à nossa volta são os torturados, aqueles de quem se zomba, os presos, os condenados à morte, por causa de sua fé. E mais uma vez fica bem claro: a fé não é tanto uma questão de acreditar nisso ou naquilo. Fé não é tanto uma questão de saber isso ou aquilo bem direitinho. Fé é principalmente uma questão de vida. Ter fé é uma maneira de viver.

Viver como? Viver como peregrino, como quem não tem um lugar certo. Viver sem acomodação. Viver sem segurança. A vida de quem tem fé, muitas vezes será a vida cheia de necessidades, aflições e até maus tratos. Isso não significa que os pobres e miseráveis e sofrendores da terra devam cantar aleluias e achar que assim é que deve continuar. Quem acha que uns devem estar por cima e que outros precisam continuar por baixo, nesta vida, não é bem a Bíblia: é outro tipo de pessoas. São aqueles que produzem a miséria, são os responsáveis pela necessidade e pelos maus tratos que pensam assim.

A vida de quem crê e confia pode passar por tudo isso também é claro. No entanto, a vida da fé ainda conhece e experimenta outra miséria, outra aflição, outra angústia: é que nós ainda estamos a caminho. Nós também somos peregrinos. Nossa jornada ainda não terminou. E às vezes a gente cansa. Às vezes a gente não aguenta mais e quer ver a terra prometida, quer ver a concretização da promessa. Que adianta comemorar domingos de Ramos, se ainda não podemos saudar nosso Rei e entrar com Ele na cidade? De que adi-

anta comemorar uma vida inteira o Natal, a sexta-feira da Paixão, a Páscoa, se nos outros dias tudo parece tão igual e tão vazio?

No meio do vazio, no meio da angústia e da dúvida, meus irmãos, pensemos um pouco nas testemunhas que confiaram. Que confiaram antes de nós. Que continuam confiando à nossa volta. Nosso tempo tem muito mais testemunhas do que se imagina: nos muitos lugares onde pessoas são perseguidas e mortas, por causa da cor de sua pele, existem cristãos que confiam no dia em que a justiça triunfará — e trabalham por essa justiça. Nos muitos lugares onde pessoas são torturadas e mortas porque pensam diferente dos ditadores, existem cristãos que confiam no dia em que a liberdade chegará — e lutam por essa liberdade. Nos muitos lugares em que pessoas são maltratadas e afligidas por causa de sua fé, existem homens que confiam no dia em que a verdade vencerá — e se esforçam por essa verdade.

Sim, são muitas as testemunhas conhecidas e desconhecidas, em nossos dias. E por isso podemos crer, confiar e esperar. Crer arriscando! Confiar trabalhando! Esperar lutando! Todas as testemunhas do passado e de hoje — todas as testemunhas do mundo são nossa família, nossos irmãos. Mesmo sendo poucos, não estamos sozinhos.

E ainda um último motivo para nos alegrarmos, para nos sentirmos solidários até com desconhecidos irmãos: eles não alcançaram a concretização da promessa — para que nós não fôssemos excluídos. Deus também pensou em nós. Nós também fomos contados e incluídos na promessa de Deus. Quer dizer: ninguém pode se salvar sozinho! Sem nós, os que confiaram antes de nós, também não alcançaram a perfeição. Sem

eles, nós não podemos ter outra esperança diferente ou melhor.

Até o fim dos tempos, os que viveram antes da cruz e os que vivem agora, depois da cruz, encontram-se na mesma situação: esperando o dia em que a promessa se tornará realidade visível e concreta. O dia em que a fé vai acabar porque os olhos de todos poderão ver a chegada e a vitória do Cristo. Vitória que

vai acabar com toda tristeza e escravidão, miséria e necessidade. É pensando nesse dia que mais uma vez vamos iniciar uma semana de vida e de fé, rumo à Sexta-feira da Paixão. É pensando nessa jornada que nos preparamos para a Santa Ceia. É meditando nisso que podemos comemorar a Páscoa.

Amém.

O TEMPO

27-8-72

Isaías 29.18-21

Três exemplos:

1.º) Homem condenado a 30 anos em tribunal regional teve sua pena reduzida para 6 meses na mais alta corte militar do país.

Isso é o que a Bíblia entende por tirania: quando a gente começa a dispor da vida de uma pessoa — quando 30 anos de vida — 6 meses. Quando se acusa hoje para inocentar amanhã. Quando se condena e absolve com a mesma naturalidade com que alguém resolve: hoje não vou pôr a gravata azul — a verde me senta melhor.

2.º) Menina de 16 anos espancada por alguns policiais. Era prostituta e estava grávida. Resultado: um aborto em plena estrada, auxiliada apenas por duas companheiras.

Isso é o que a Bíblia entende por escárnio, zombaria: quando a pessoa indefesa é tratada aos pontapés. Quando a vida já rebaixada e aviltada ainda é maltratada. Quando a vida desrespeitada ainda por cima é tratada aos pontapés.

3.º) Há alguns meses atrás, um grupo de pessoas mais ou menos idosas foi despejada de suas chácaras, em Brasília, porque os planos de consolidação da capital modificaram a distribuição de áreas residenciais. Para evitar muitos comentários, as pessoas foram transferidas à noite para um grupo de casas numa das cidades satélites. Proprietários nas chácaras passaram a proprietários de casas. Só que restou a fome e desemprego.

Isso é o que a Bíblia entende por negação do direito. Quando a compensação existe, mas é falsa. Quando a lei precisa ser executada no escuro, por que não resiste à luz do dia e à luz dos fatos.

* * *

O que espanta, em tudo isso, não é propriamente a brutalidade dos três acontecimentos. Barbaridades desse tipo já sempre aconteceram no Brasil e no mundo. Brutalidade, abuso, injustiça são o prato do dia em toda parte.

O que espanta é a naturalidade com que a maioria toma conhecimento. Ou nem toma conhecimento. É como se cada vez mais gente estivesse cega e surda para tudo o que acontece debaixo do próprio nariz.

Donde vem essa cegueira e surdez? Ninguém mais acredita na justiça — ou temos medo de acreditar na justiça? Ninguém mais acredita na verdade — ou achamos mais cômodo embalar-nos na mentira e na propaganda?

* * *

Seja como for, o problema mais importante da vida consiste em orientar essa nossa vida por aquilo que tem futuro. Não adianta ficar ao lado daquilo que já está condenado.

Por isso mesmo, o texto do profeta Isaías quer nos levar a pensar, a refletir sobre a vida e o futuro da vida, quando diz que o tirano é reduzido a nada, o escarnecedor deixa de existir e os que negam o direito são eliminados.

Isaías nos leva a pensar sobre a vida e sobre o amanhã, quando diz que naquele dia os surdos vão ouvir, os cegos vão poder enxergar e os pobres se alegrarão. Quando?

* * *

Para ficar sabendo desse “quando”, precisamos relembrar a maneira como a palavra de Deus entende o tempo. O tempo de Deus e o tempo dos homens.

PÁTRIA

3-9-72

Salmo 127.1

Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.

Os mandamentos de Deus sempre se referem, se aplicam ao homem todo a tudo aquilo que o homem é, pensa, fala e faz. Isso significa que não existe nenhum setor, nenhuma parte de nossa vida que possa ser neutra. Por isso mesmo, os

mandamentos de Deus falam a nós como membros de nosso povo, como cidadãos. Deus também é o Criador e Senhor, e Juiz e Salvador da nossa vida civil — e não apenas de nossa vida pessoal. Em nossa existência como cidadãos, Deus também quer nosso serviço, nossa dedicação, nosso testemunho. Também na caminhada de nossa independência, a Palavra de Deus quer ser a única luz de nossos caminhos.

Mas por quê? Porque é pela vontade de Deus que temos uma Pátria. É pela vontade de Deus

que temos ligações com homens e mulheres que falam a mesma língua que nós, assim que podemos comunicar-nos, entender-nos, encontrar-nos uns com os outros. É pela vontade de Deus que nascemos neste lugar, nesta terra. A Pátria é o lar que Deus nos deu. Pensando bem, sem essa Pátria, nós não podemos pensar, sentir, agir, viver. Nós não existimos sem o nosso povo.

Agora: se os mandamentos de Deus valem para nós, dentro de nossa Pátria, no meio de nosso povo — como é que isso funciona na prática? Como é que obedecemos à vontade de Deus em nossa Pátria?

Em primeiro lugar, precisamos compreender a Pátria como uma espécie de moldura. Dentro dessa moldura, estamos nós. Nós formamos o quadro — como homens e mulheres, como filhos, como pais e mães, como profissionais. E é dentro dessa moldura, neste lugar, que acontece nossa santificação. É aqui, dentro do Brasil, que acontece nosso louvor e adoração a Deus. É aqui, dentro do Brasil, que amamos a nosso próximo.

Por isso, nós não podemos desprezar nosso lugar, nossa Pátria. Aceitando a vontade de Deus, nós só podemos e só devemos aceitar nossa Pátria — como representando uma tarefa e um compromisso. Não foi por acaso que Deus nos fez nascer aqui ou vir para cá. Portanto, alegremo-nos por ter uma Pátria. Sejamos gratos por nos ter sido dada uma Pátria.

Em segundo lugar, precisamos compreender que alegria e gratidão sempre se expressam, se manifestam como amor e fidelidade. Amor à nossa tarefa de cidadãos e fidelidade ao nosso compromisso de cidadãos. Em outras palavras: amor e fidelidade são simplesmente patriotismo.

Por isso o verdadeiro patriotismo é contra todas as formas

de injustiça e opressão. Por isso, o verdadeiro patriota pensa mais nos outros do que em si mesmo. Por isso, o verdadeiro patriotismo luta por direitos iguais e oportunidades iguais para todos os homens e mulheres. Por isso, o verdadeiro patriotismo respeita todas as pessoas de um povo, em especial, aquelas pessoas que são pobres, que não têm poder, que precisam mais. Por isso, o verdadeiro patriotismo coloca a dignidade das pessoas acima da riqueza nacional, acima do poder nacional, acima de qualquer outra conquista nacional.

Porque patriotismo é a construção de uma sociedade mais justa. Essa é a nossa tarefa. E patriotismo é o combate a todas as formas de egoísmo. Esse é o nosso compromisso. Quem não tiver amor, nunca vai cumprir a tarefa. E quem não for fiel, nunca vai honrar o compromisso. Nem o dinheiro nem as armas podem substituir a fidelidade e o amor.

Em terceiro lugar, precisamos compreender a história de nossa Pátria como um conjunto de experiências e acontecimentos que também fazem parte da história de nossa vida. Assim como nossa vida é uma parcela da vida nacional. É pela vontade de Deus que isso é assim. E por isso, é a vontade de Deus que nos coloca dentro dos problemas, das preocupações, das necessidades e das tarefas de nossa Pátria.

Por isso, o cidadão cristão nunca vai se colocar à margem, ao lado dos assuntos nacionais. Pelo contrário, toma uma posição diante dos fatos. Discutir e debater nosso futuro, é uma questão de obediência aos mandamentos de Deus.

E o que essa obediência aos mandamentos significa, na vida nacional, pode ser esclarecido através de alguns exemplos da vida de cada dia:

Deus é Senhor, em nossa Pátria, ou existem outros que pretendem ser, aos poucos, nossos senhores e deuses?

O nome de Deus é santo para nós — ou é apenas um disfarce para esconder as piores intenções?

É possível honrar uma mãe que se prostituiu para ter o pão de cada dia?

É permitido matar pessoas, com a desculpa de que se pretende salvar a sociedade?

Correspondem à vontade de Deus certas formas de exploração do trabalho, que atingem justamente os mais pobres?

Diante do mandamento de Deus, que significa a difamação que atinge adversários políticos, padres e cristãos?

Ninguém pode escapar a essas perguntas. Os mandamentos estão aí — e os fatos também. Verdadeiro patriotismo é aquele amor, aquela fidelidade que também encara esse tipo de problemas.

Porque foi Deus mesmo que nos colocou dentro das situações e circunstâncias em que vivemos, sofremos e trabalhamos — com outros!

E com isso chegamos ao centro mesmo daquilo que o salmista diz:

Onde o Senhor não construir a casa, é inútil o trabalho dos construtores.

Se o Senhor não cuidar e guardar a cidade, é inútil a vigilância da sentinela.

Se nós não quisermos que seja inútil nosso trabalho e sacrifício por nossa Pátria que nos foi dada, então

— obedeçamos à vontade de Deus, coloquemos a vontade do Senhor acima de todas as outras vontades,

— confiemos a ele esta nossa Pátria, par que seja mais fraterna, mais justa e mais livre. Amém.

Acabo de receber notícia da morte de Breno e Mariane

Breno e sua pressa...

Breno e sua esperança...

Breno e sua inquietação...

Breno e sua libertação...

Breno e sua jovialidade...

Breno e seu humor teológico...

Breno e o seu Cristo indiviso...

Parece que Breno tinha pressa em chegar. E foi ao encontro do Pai, mais cedo que nós desejávamos. Até para morrer Breno nos sacode e nos deixa uma última pergunta.

Certamente seu mais sincero curso sobre a ESPERANÇA.

Mariane encontrei duas vezes apenas. Havia nela algo de muita verdade sofrida e gozada JUNTOS.

(Palavras de um sacerdote amigo de Breno, atualmente na Europa).

A MISERICÓRDIA

11-3-73 (Dia de sua morte) —

SV IC ME

Lucas 12.48b

A quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.

Ouvimos uma palavra de Jesus que é muito fácil de gravar. É simples, direta, imediata. A gente até tem vontade de dizer: é claro. Pode-se esperar muito de quem tem muito.

Mas também existe alguma coisa de inquietante, nessa frase. Nós sentimos que essas palavras se transformam numa pergunta. De repente, nós notamos que estamos sendo perguntados.

E a gente se lembra de muitas falhas. Lembra que assumiu um compromisso financeiro muito pequeno, no programa de mordomia. Pequeno porque a a gente sabe que podia dar mais. A gente sabe que não ia fazer falta. Mas por preguiça, por desinteresse, por falta de vontade de pensar, a gente repetiu a quantia do ano passado.

A gente se lembra de alguém que maltratou. Lembra tudo aquilo que poderia e deveria ter

feito por outros (a começar pela própria família).

No entanto, é preciso perguntar: Em que é que Jesus estava pensando, quando disse que muito será exigido daquele que recebeu muito? Nós temos uma resposta para essa pergunta. Porque essa frase de Jesus vem no final de uma conversa dele com seus discípulos. E a conversa era sobre o fim do mundo e a volta de Jesus. Nosso Senhor faz uma comparação. Ele conta a parábola do proprietário que viaja e confia a administração de seus bens a diversas pessoas. Ao retornar, o proprietário recompensa os eficientes e fieis e castiga os maus.

Portanto, “a quem muito foi dado”, não significa o que possuímos (nossa esperteza, nosso dinheiro, nossas capacidades, nossa casa). Não se trata apenas de lembrar que devemos ser agradecidos por tudo isso, que não devemos ser egoístas, que devemos pensar nos outros. É claro que faz muito bem lembrar tudo isso também, às vezes.

Mas, nessa passagem, Jesus

está falando de si mesmo e de sua causa. Jesus lembra que nos confiou a administração de seus bens, de suas dádivas, neste mundo.

Nós somos os servos, a quem o Senhor deu e confiou muito. Nós, quem? Todos os que fomos batizados em seu nome. Pelo batismo, fomos todos chamados um dia. A gente pode rejeitar, desprezar, recusar o chamado. Mas o fato é que o chamado aconteceu!

E em que consiste nossa administração? Que é que Jesus nos confiou?

1) Sua palavra, os sacramentos, a Igreja (resposta talvez rápida demais, embora verdadeira).

2) A parábola nos ensina que o proprietário, o Senhor, confiou gente, pessoas, aos administradores.

O maior bem, a maior riqueza que Jesus nos deixou e nos deu são seres humanos.

Os que estão sempre conosco. E os "outros" também!

A maneira de tratá-los é que vai mostrar se somos bons ou maus administradores da palavra de Jesus.

Isso não significa apenas simpatia e amabilidade. Amabilidade pode ser bem pouco cristã.

Isso não significa apenas transigência a toda prova. Transigência constante pode apenas significar falta de vergonha na cara!

A maneira de tratar os outros é uma questão de amor ao pró-

ximo. Assim como nós exigimos justiça para nós, sejamos justos com os outros!

Gostar do outro — de qualquer outro — assim como a gente gosta da própria pele... Ser justo com os outros na mesma medida que usamos para nós...

Todo mundo nota logo que isso é tarefa para o resto da vida. Nós nunca vamos ficar prontos com esse trabalho, com esse esforço.

Em cada dia, nós vamos ter de experimentar. Em cada dia nós vamos cometer nossos enganos. Mas Jesus não espera administradores perfeitos, Jesus quer administradores fiéis.

Qual a diferença entre o perfeito e o fiel?

A mania de falar em salvação. Ou: O cristianismo é a melhor religião. A Igreja já fez isso e aquilo e mais outras tantas coisas.

Não: os críticos, os que duvidam, os que buscam, os que perguntam, nossos filhos, querem saber bem outra coisa.

Cristo é nossa vida?

E a resposta é a própria vida.

"O que fizestes a qualquer um de seus pequeninos irmãos, a mim é que o fizestes!"

A palavra que ouvimos: "A quem muito foi dado muito lhe será exigido; e a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão".

Não é ameaça. É luz para o nosso caminho.

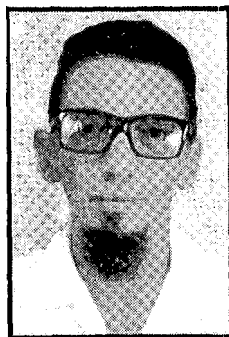
Na seriedade dessa palavra a gente descobre toda a misericórdia do Cristo.

"Quando eu era criança, pensava como criança..."

Quando Breno falava em suas aulas era o professor, hoje as reflexões de Breno tomaram dimensões do Ressurreto, era o Cristo quem falava.

(Antônio José Gabriel — aluno do Curso de
Ciência das Religiões da U.F.J.F.)

O BRENO EM JUIZ DE FORA



No editorial que escrevi para o número 3, num comentário sobre a morte do Breno, concluí dizendo: “Agora porém, o amargo das lágrimas, um vazio que é lembrança... Num dos próximos números, quem sabe, falaremos de ressurreição.”

Quando escrevi aquelas palavras — nem percebia — estava sendo empurrado para o espetáculo da ressurreição.

Depois vieram pedaços de papel de letra miúda que eu comecei a ler. Eram sermões dominicais vivos, penetrantes de um irmão franzino, ligeiro e ativo que nem camundongo. Ultimamente a sua palavra já de si sublinhada e grifada vinha sendo mais sublinhada ainda por um cavanhaque que ele andava cultivando e que também lhe tornava mais agudo o rosto de idéias tão agudas.

Empurrado, subi (com Jether, Elias, Celso que já lá estava) a Juiz de Fora. Era como quem ia visitar um túmulo. Eu fazia a minha primeira volta àquela cidade, vazia sem Breno. Das outras vezes ele esperava. Vinha o abraço. Casa e coração se abriam. Disponibilidade incarnada, ao vivo. Agora não haveria nada disso.

O carro do Elias rodava. Falávamos do irmão tão irmão, do amigo tão amigo. Lemos o seu último sermão que ele pregara e ia repetir em Mar de Espanha. Assunto, mordomia. “A quem muito foi dado, muito lhe será exigido; a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.” E Breno concluía seu último recado pastoral da-

quele domingo da Estrada de Bicas: “Não é ameaça, é luz para nosso caminho. Na seriedade dessa palavra a gente descobre toda a misericórdia do Cristo.”

E assim, no carro em que havia três, éramos quatro, nós e o imenso-pequeno Breno conosco.

E o túmulo?

Quando ao início da noite, na Praça Agassis, da Igreja Luterana, cumprimentamos uns dez que nos recebiam, a toda tentativa de indagar de um morto, sentíamos — olhares, falas, testemunhos — que estava vivo. Por que túmulo? Nem o sepultaram lá e os mortos no Senhor não ocupam túmulos — buracos muito minúsculos para os discípulos do Ressuscitado.

Começamos então a comer e a beber e a falar de ressurreição.

Fomos para o auditório do Granbery. Duzentas, trezentas pessoas? Eram milhões: católicos, metodistas, presbiterianos, congregacionais e outros. O assunto — ecumenismo — a comunhão inevitável para a qual somos arrastados (“Quando eu for levantado, a todos atrairei a mim”). Falamos e falaram vários. Testemunhos de comunhão. Alguns cantaram, o violão sublinhando. Um grupo especial de alunos do Breno (ele não conseguiu ter ex-alunos) tinha planejado tudo. Eles revivem o Breno na Igreja e no Mundo. Foram chamados par continuar as aulas do Breno na Universidade. Um deles citava-nos Tillich e Bonhoeffer... e percebia-se indistintamente que o sepulcro de Porto Alegre tinha sido arrombado, violado, estava incrivelmente vazio.

No sermão memorial o Padre Snoeck (noutra parte desta revista), dissera:

“Cristãos como somos, não vivemos da saudade daquele que se foi, mas da perigosa memória do Cristo presente. Em Cristo, Breno está presente.”

Ele — o camundongo irrequieto e apressado, que escapou à ratoeira da Estrada de Bicas — tinha ressuscitado e continuava renovando “a perigosa memória do Cristo presente.”

Desci (os mesmos irmãos Jether e Elias, o mesmo carro, mais noite, depois madrugada e um certo frio) de volta a casa. Ríamos.

Ah! aquele olhar matreiro por trás dos óculos!

Ah! aquele falar sublinhado a cavanhaque! Aquela disponibilidade e amor penetrante! Aquela visão sempre nova da Palavra!

Aquela oferta de si mesmo!

Estava tudo mais intenso, mais vivo, mais agudo, mais claro.

Creiam, leitores, eu e os outros o vimos ressuscitado.



Gente, acabamos de chegar de Juiz de Fora. Deixamos o Breno lá. Ele manda lembranças, as suas lembranças, dele e de Mariane. Aleluia!

Carlos Cunha

Não conseguimos compreender este acontecimento... Um homem que deixará um vazio incalculável, que foi um testemunho vivo da Unidade, da Esperança e da Verdade, na Igreja!

Somente quem gozou de sua convivência, assistiu às suas aulas, ou participou de reuniões com ele, conseguirá medir o alcance de sua total disponibilidade. Uma pessoa que estava sempre pronta a servir. Que nos marcou profundamente!

(Um grupo de jovens ao Diário Mercantil,
J. Fora)

A palavra do Padre Snoeck

“Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão; Mas depois que houver ressuscitado, vos hei de preceder”.

Mt. 26.31-32

É com profunda emoção que hoje, oito dias depois do trágico passamento dos nossos queridos Breno e Mariane, nos reunimos nesta Igreja. Foi daqui que Breno partiu, domingo passado, alegre, levando a Boa Nova a outra comunidade.

Foi aqui que ele voltou, carregado, para o último adeus à Igreja que amava.

Parece que foi necessário que ele se fosse, para que, de repente, pudéssemos descobrir o quanto representava para nós.

Parece que foi necessário que a fragilidade daquele corpo se despedaçasse, para que pudesse resplandecer com todo fulgor o fogo que ardia lá dentro.

E de repente, ficou tudo claro.

Não era ele que vivia, era o Cristo nele; o Cristo, caracterizado por Bonhoeffer como o homem-para-os-outros. Por isso aquela transparência. Por isso aquela disponibilidade total. Cada um de nós pensava que Breno vivia só para nós. No entanto era tudo para todos.

Era totalmente dedicado à sua comunidade, a qual amava profundamente.

Era totalmente dedicado aos inúmeros amigos católicos.

Era totalmente dedicado ao magistério e aos seus alunos.

Cristo vivia nele. Por isso sua palavra era tão vibrante, sua comunicação tão irresistível. Não era ele que falava, mas o Espírito do Senhor. Como todo profeta, Breno era “os Dei”, boca de Deus, voz do Senhor. Tudo nele era voz, que clamava. “Não é verdade que nosso coração ardia, quando nos falava em caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24.32).

Curta foi sua existência, mas de uma tensão tão alta que ultrapassa de longe as fronteiras do tempo. Rápida foi sua passagem, como de um relâmpago, e nossa vista ainda está ofuscada.

Não sei como agradecer a Deus por ter conhecido este homem. Não sei como agradecer à Igreja Luterana por nos ter dado tal Pastor.

“Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão”. Não só os irmãos luteranos, nós todos ficamos sem pastor, perdemos o nosso Breno, a nossa Mariane.

Será mesmo que os perdemos? A escritura continua: “Quando houver ressuscitado, vos hei de preceder”. Algo de estranho está acontecendo. Parece que todos nós estamos sentindo que Breno está vivo, que está no meio de nós. Está até mais presente do que quando vivo. Não só porque seus gestos e suas palavras tomaram uma outra dimensão pela sua morte brusca, mas porque, identificado com o Cristo, já participa da Ressurreição, e da presença do Ressurreto na sua Igreja.

Cristãos como somos, não vivemos da saudade daquele que se foi, mas da perigosa memória do Cristo presente.

Em Cristo, Breno está presente. Como o Pai disse a respeito do Filho transfigurado no monte: este é o meu filho predileto, escutai-o, assim Cristo nos apresenta um Breno transfigurado: este é o meu mensageiro predileto, escutai-o.

Breno e Mariane viviam na esperança da ressurreição e não foram confundidos. Sigamos o caminho luminoso que nos traçaram. Não seremos confundidos.

Discípulos são pessoas que se encontram na convivência de Jesus. O que os distingue de outras pessoas é que ele está em seu meio e que eles podem ser suas testemunhas.

Estamos ouvindo um convite: nós podemos ser verdadeiros discípulos, hoje e agora! Ninguém pergunta quem somos, nem tampouco o que fomos ou seremos. Ninguém pergunta se somos praticantes ou não, se somos interessados em religião ou não, se somos católicos ou protestantes. Que cada um seja o que for e faça o que entender. Se formos verdadeiros discípulos, o futuro dirá o que podemos e o que devemos ser e fazer!

(Breno,
Sermão
na Semana da Unidade, 1971) _____

Livros publicados

IDEOLOGIA E FÉ

Andre Dumas

86 páginas Cr\$ 8,00

LIBERDADE E FÉ

Rubem Alves, Jürgen Moltmann, Julio de
Santana, Hubert Lepargneur, Gilberto Gor-
gulho

136 páginas Cr\$ 15,00

Livro no prelo

O DEUS QUE LIBERTA E OS
DEUSES QUE ESCRAVISAM

(Discussão sobre a Igreja)

Zwinglio Mota Dias

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

Caixa Postal 16082 — ZC-01

20000 — Rio de Janeiro — GB



Publica mensalmente:

CEI — BÍBLIA HOJE — DOCUMENTOS

Publica trimestralmente: SUPLEMENTO

Com uma assinatura anual de Cr\$ 25,00 você receberá
regularmente estas publicações.